



O ÍNDIO E A FORJA DA IDENTIDADE NACIONAL: O GUARANI, TERRA PAPAGALLI

Fernanda Patrício Mariano¹
Aurélio Gonçalves Lacerda²

RESUMO: *Nesse texto/comunicação busca-se pela análise contrastiva de elementos dos romances O guarani, José de Alencar, Terra Papagalli, Torero e Pimenta, identificar e analisar os processos de construção e desconstrução das idéias de pertencimento presentes nas narrativas que encerram discursos de fundação e em contranarrativas, com seus discursos de desconstrução em relação às imagens e representações da brasilidade, identidade e nação. Conceito, modernamente, questionados. Tal esforço nos remete à análise dos processos de construção da nação. A análise das duas obras distantes no tempo e bem distintas quanto a estética. O guarani e Terra Papagalli permitem examinar esses conceitos, a partir de duas vertentes: O índio Peri versus Piquerobi. As narrativas de representação do herói, tal como concebido na história oficial, definem-se como narrativas de fundação e passam ao leitor uma sensação de pertencimento e unidade. Tais narrativas formam o nosso imaginário e estão presentes ao longo da vida escolar, e são quase sempre apresentadas como verdade única e a contranarrativa desconstrói tais concepções.*

Palavras-Chave: Nação; Narrativa de fundação; Contranarrativa de fundação; Herói.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trará como cerne do seu estudo a comparação entre duas obras distintas, sendo o tema da análise “A representação do herói”. Tal análise nos permite perceber essa definição em ambos os autores, pois esse conceito é questionado, uma vez que existe uma construção ideológica e imagens que são reiteradas do que venha ser um herói.

O Guarani é uma obra de José de Alencar, publicada em 1857. A obra se articula a partir de alguns fatos como: a fidelidade e devoção de Peri a Cecília; o amor de Isabel por Álvaro, e amor deste por Ceci, a morte de uma indiazinha Aimoré por Dom Diogo e a conseqüente revolta e ataque desses índios. A partir da obra o passou-se a considerar Peri como um grande herói. Segundo Hall, tal heroicidade nos transmite uma ideia de pertencimento, sendo essa a definição de narrativa de fundação.

Peri se apresenta como o índio que se dedica de corpo e alma ao serviço de sua amada Ceci. Por ela, abandona sua tribo, língua, cultura e até mesmo sua religião.

¹ Estudante do Curso de Graduação da Universidade Federal da Bahia, sendo a habilitação de Letras com Língua Estrangeira Moderna (Português e Inglês), além de fazer parte do grupo de pesquisa NUPED (Núcleo de Pesquisa em Análise do Discurso), coordenado pela professora Dra Licia Maria Bahia Heine. Email: f_mariano@hotmail.com.

² Orientador – Possui graduação em Letras Vernáculas com Francês, Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, além de atuar na Pós Graduação, Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Bahia. Atualmente é Professor Associado Nível I da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras. Atuando principalmente nos seguintes temas: discurso, seca, cangaço, messianismo, regionalismo e Nordeste.



Terra Papagalli é uma obra, que traz uma crítica sobre o povo brasileiro, a partir dos primeiros portugueses que vieram para o Brasil na defesa de suas terras. A personagem principal Cosme Fernandes é um português que vive de forma honrosa, sendo o Índio Piquerobi apresentado de uma maneira totalmente contraditória se for comparado com O Peri.

Dessa forma, será analisado como o índio é apresentado em ambas as obras, uma vez que Souza afirma que os heróis são representações dos valores de determinados grupos.

2. DESENVOLVIMENTO

A narrativa de fundação surge quando o país começa a questionar sobre a ideia de nação. Na visão de Benedict Anderson³, a nação é conceituada como uma “comunidade imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais se conhecerão e que as diferenças entre as nações residem nas formas pelas quais elas são imaginadas”. (Anderson, 1989, p.15).

Saber que o próprio conceito de nação é algo questionável leva-nos a refletir e conhecer a evolução de nosso país e a formação da nação brasileira. O *guarani* é uma narrativa de fundação porque ilustra simbolicamente a construção da nação.

Em *O Guarani*⁴ a ideia de narrativa de fundação está representada ao final do livro quando Peri e Cecília se fundem ao Rio Parnaíba e tal como a lenda de Tamandaré⁵. A união dessas raças faz alusão à miscigenação entre o índio e o português, além de simbolizar a formação da etnia brasileira.

Na concepção de Hall⁶, essas narrativas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido a nação.

Percebe – se, na obra, que Peri é apresentado como um cavaleiro, pois este possui qualidades que o diferenciam dos demais índios. No livro o autor descreve a personagem de maneira idealizada e com características tipicamente européias.

O fidalgo Antonio de Mariz, pai de Cecília, aprecia o caráter nobre do índio quando diz:

“È para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando a minha filha, a sua vida tem sido um ato de abnegação e heroísmo. Crede-me Álvaro, é um cavaleiro português no corpo de um selvagem” (ALENCAR, 2000, p.45).”

³ ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

⁴ ALENCAR, José de. **O Guarani**. 3º ed. São Paulo: Martin Claret, 1999.

⁵ A lenda de **Tamandaré**, dos índios guaranis, retrata um dilúvio parecido com a história bíblica de Noé, além da salvação de um casal indígena no alto da montanha.

⁶ HALL, Stuart. **A identidade da Pós-Modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.



O índio Peri é descrito como o “bom selvagem”⁷, corajoso, guerreiro, honrado, fiel, leal, dentre outras características diferenciadas. Essas características fazem com que a obra seja situada no imaginário brasileiro, além de remeter à sensação de pertencimento. Ele, Peri, encarna bem as qualidades que o autor lhe confere como símbolo da terra e da pátria brasileira.

Peri é, pois, um selvagem idealizado, dono de qualidades de fazer inveja aos mais nobres e leais fidalgos medievais. Por outro lado, é o protetor de Cecília e por ela não hesitaria em matar ou morrer como demonstra, ao longo da narrativa, diversas vezes. Para ele, Cecília não era uma simples mortal, mas uma santa que ele protegia e cultuava.

A imagem que se constrói em o Guarani é a de que os índios aimorés representam os vilões e os portugueses são as vítimas. A narrativa épica, própria da estética romântica, bem característica do gênero romanesco, inicia-se logo após o casual incidente em que Diogo, filho de Antônio de Mariz, descuidadamente, durante uma caçada, mata uma indiazinha aimoré. Então, indignados, os Aimorés procuram vingança e, quando se preparam para o ataque à fortaleza de D. Mariz, são dizimados pelas flechas do índio Peri que, naquele momento, à guisa de guarda e proteção, espreitava o banho de Ceci. A atitude do índio Peri, idealizado, heroicizado, a serviço dos propósitos românticos de construção ideológica da imagem de pátria e de nação, leva o nativo, no caso um aimoré a defender, a qualquer custo, a sua amada, faz com que este lute contra seus iguais numa luta fratricida.

Naquele momento histórico, imediatamente após a independência política, tornava-se premente, pela narrativa de cunho literário, construir imagens e representações de Brasil, de brasilidade, de Pátria e de nação, em busca da identidade que opusesse o Brasil a Portugal, a fim de constituir, ainda que imaginariamente, o povo brasileiro. E o povo brasileiro não mais poderia ser representado pelo português, o colonizador, como também não poderia ser representado pelo africano para aqui trazido como força de trabalho escrava. Restava, pois, o índio, o nativo que para ser alçado a condição de representante desse povo nascente, teria que ser idealizado e elevado a condição de herói sublime. È por conta desse sentimento heroico, imputado a personagens indígenas, que se dão os processos de identificação com essas personagens, o que permite, por sua vez a fixação do ideal e do sentimento de pertencimento, indispensáveis à formação das noções de pátria e nação.

Essa é uma das tônicas das narrativas alencarianas, especialmente em seus romances ditos históricos e indianistas. O romance *O Guarani* inscreve-se na literatura brasileira dentre aquelas obras consideradas de fundação, os chamados discursos fundadores da brasilidade, de nacionalidade, mas a esse tipo de narrativa de fundação, opõem-se as contranarrativas, isto é, aqueles discursos que buscam a desconstrução dos discursos de fundação.

Segundo Hall⁸, a contranarrativa de fundação propicia a avaliação dos mitos de origem, além de permitir a povos desprivilegiados a conceberem e expressarem o seu ressentimento de

⁷ O Mito do “Bom Selvagem” representa o índio, manso, que vive em perfeita harmonia com a natureza. Na Europa esse mito envolve uma atitude de autodepreciação e de idealização do outro. Esse mito criado pelo filósofo Jean Jacques Rousseau gira em torno da figura do índio como ingênuo e submisso.

⁸ Stuart Hall aborda de maneira sucinta na obra “A identidade da Pós Modernidade” a questão de como são trabalhadas algumas questões sobre a identidade cultural tardia e avalia se existe uma crise de identidade.



insatisfação, de exclusão. Essa contranarrativa, ao dar à voz a quem nunca teve a oportunidade, por exemplo, o negro e o índio questionam essa ideia de pertencimento. Funciona como contraponto dessa concepção de pertencimento.

Terra Papagalli, escrito em co- autoria por José Roberto Torero e Marcus Aurélio Pimenta foi publicada em 1997. A obra é uma narrativa ficcional que se constrói em meio às lacunas deixadas pela História Oficial, a respeito de um dos períodos menos documentados e mais controversos da História do Brasil. *Terra Papagalli* é uma contranarrativa de fundação porque nos mostra outro olhar da formação do povo brasileiro. A obra faz uma releitura da nossa história oficial, além de tratar de imagens das pessoas que vinham para o Brasil naquela época como os degredados.

Na obra Piquerobi não é apresentado como herói o que diverge de Peri. Ele é o chefe da tribo, pai de Terebê, a quem Cosme Fernandes tomou-a como esposa. Esse índio diferencia-se de Peri porque se aproveita das ideias de Cosme Fernandes. Ele sempre tira proveito da situação, exemplificando o famoso “jeitinho brasileiro”⁹. Piquerobi não nos parece tão próximo quanto Peri.

O trecho corrobora essa contradição: (...) “Piquerobi ficou quieto por uns instantes, mas percebi que havia muitos guerreiros da ideia quando chegou por ali um ancião e ele a contou como se fosse sua”(...) (TORENTO E PIMENTA,2000, p.84).

Esse índio seria na nossa concepção de contranarrativa de fundação um anti-herói, pois nos remete a um pensamento contrário do nosso imaginário, além de causar certo estranhamento porque essa descrição não nos provoca uma sensação de pertencimento.

Outros pontos que diferenciam Peri de Piquerobi é o ato canibalesco que o segundo pratica em *Terra Papagalli*. A Antropofagia fornece uma diferença inquestionável entre o civilizado e o bárbaro, sendo condenado pelos cristãos. O parágrafo abaixo exemplifica esse ato antropofágico:

“Piquerobi foi até o moquém e arrancou o dedão do pé de um inimigo. Depois vendo que estava bem assado, começou a mordiscá-lo com muito gosto, tal qual fosse o melhor doce da melhor confeitaria de Madrid. Só então percebemos que o fim que davam aos inimigos era comê-los.” (TORENTO E PIMENTA, 2000, p.84).

Além das descrições que divergentes em relação a Peri e a Piquerobi existe um elemento, um ponto de contato, uma espécie de liame entre essas duas personagens: O espírito guerreiro e aventureiro, em obras tão distantes no tempo e tão diferente quanto aos propósitos de tematização da nacionalidade brasileira.

Essas descrições presentes em *Terra Papagalli* nos provocam uma sensação de estranhamento por que ninguém se reconhece como pertencente a uma nação, cujo povo seja formado por aventureiros, aproveitadores, canibais, degredados, melhor dizendo, herói sem caráter, como já anunciara Mário de Andrade, em seu Macunaíma.

⁹ O jeitinho brasileiro é uma expressão que representa a malandragem histórica da formação do nosso povo.



3. CONSIDERAÇÕES

Em suma, a representação desse índio em ambas as obras nos remete a um questionamento sobre a Pátria, nação, brasilidade, identidade por meio da ideia de pertencimento e da configuração da nossa identidade.

A representação de Peri, na obra de Alencar, faz com que nos identifiquemos com essa personagem, além de nos sentirmos pertencentes a essa nação. Já em *Terra Papagalli*, essa representação ocorre de uma forma inversa porque Piquerobi representa o anti - Peri, pois nos remete a um posicionamento contrário ao que habita em nosso imaginário.

Nessa perspectiva de mudança de valores que se faz necessária à leitura dessas obras fundadoras, definidoras de nação e de povo, nos leva a pensar criticamente sobre diversas histórias contadas e questionar as múltiplas e diferentes versões das história de formação de um povo, de uma nação.

Em *O Guarani*, as características do herói, tal qual nós conhecemos na história oficial, se define como a narrativa de fundação e nos passa a sensação de pertencimento e de unidade, sentimentos e conceitos veiculados, disseminados nos discursos oficiais e na escola reiterados em outras manifestações de cultura. Assim, tido, mostrado e reiterado, ao longo da vida nacional como verdade única.

Em *Terra Papagalli*, o herói na concepção de narrativa de fundação é um anti- herói, pois, nos remete a um conceito contrário daquele que, costumeiramente, habita o nosso imaginário, de como surgiu a nossa nação, dando uma sensação de estranhamento e por ser uma contranarrativa, faz uma re- leitura da narrativa oficial.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 3º ed. São Paulo: Martin Claret, 1999.

GIUCCI, Guillermo. Umas Cartas: Nação Império. In: Rocha, João César Castro. **Nenhum Brasil existe**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p.54-61.

HALL, Stuart. **A identidade da Pós-Modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

TORETO, José Roberto e PIMENTA, Marcus Aurelius. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.